CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS: O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A SUA RELAÇÃO COM O BRINCAR

RAPHAELLA CHRISTINA ROCHA NASCIMENTO

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as contribuições que a brincadeira pode oferecer à aprendizagem e ao desenvolvimento no segmento da Educação Infantil. Para tanto, primeiramente é feita uma abordagem de como o brinquedo foi concebido pelas diferentes culturas ao longo da história da humanidade, suas funções e contribuições, e, posteriormente, a pesquisa descreve com base em alguns estudiosos consultados as definições dos termos brinquedo, brincadeira e jogo. Após diversos estudos relacionados à infância foi constatado que a brincadeira pode ser considerada um recurso que pode estimular o desenvolvimento infantil, além, de proporcionar meios facilitadores para a aprendizagem escolar, por ser uma atividade oriunda da própria criança.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Jogos. Brincadeiras. Cultura lúdica.

INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre a infância e suas especificidades têm caminhado paralelamente ao lado dos estudos sobre a importância do brincar, através dos tempos vários estudiosos tem se detido a este tema nos trazendo grandes contribuições ressaltando que a brincadeira pode e contribui para o desenvolvimento da criança e sua aprendizagem.

Dentro desta premissa pôde-se verificar que cada cultura concebe a brincadeira de um modo específico estando esta geralmente relacionada com os valores e costumes de cada sociedade.

Segundo Vygotsky (1979) a brincadeira é uma atividade cotidiana na vida das crianças. É por meio do brincar que ela busca resolver os conflitos existentes no meio que a cerca, meio este dominado pelos adultos. Enquanto brinca a criança amplia seus conhecimentos sobre o mundo, pois através de brincadeiras como faz-de-conta, (por exemplo) a criança pode colocar-se no lugar do outro, assumindo as características do personagem imitado.

Ao brincar a criança está reconstruindo sua realidade, realizando construções mentais e logico-matemáticas. Toda brincadeira acrescenta algum aprendizado, além do prazer propriamente dito.

1 BRINQUEDOS E JOGOS: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

Brincar é uma atividade típica da infância, e, toda criança de um modo ou de outro sabe brincar. A brincadeira é uma atividade que faz parte da vida de crianças em diversas culturas, possuindo papel importante no desenvolvimento cognitivo, social e psicológico.

Apesar dessas contribuições e de sua importância à brincadeira nem sempre é reconhecida pelo adulto como importante, pois, em alguns casos estes não conseguem associar a brincadeira ao aprendizado. A brincadeira é um direito da criança e faz parte da humanidade. "O brincar é uma necessidade básica e um direito de todos. O brincar é uma experiência humana, rica e complexa." (ALMEIDA, M. T. P, 2000)

Ao abordarmos a importância do brincar verificamos que ela está relacionada a três principais vertentes: a cultural quando o jogo é estudado como cultura, especificamente a infantil; a educacional que aponta as contribuições que o jogo traz para a educação, desenvolvimento e/ou aprendizagem da criança, e, por último, a psicológica que vê o jogo como uma maneira de estudar e compreender melhor o funcionamento da psique, enfim, das emoções, da personalidade dos indivíduos. (OLIVEIRA, 1997)

Desde os tempos mais remotos até a atualidade a brincadeira sempre esteve presente na história da humanidade. As brincadeiras são universais, e, geralmente carregam valores, costumes e a cultura de um povo, podemos dizer então, que de certa forma as atividades lúdicas são responsáveis também por transmitir entre as gerações a cultura de uma nação, com diferentes objetivos que vão desde a socialização, divertimento, ensino, ou até mesmo, para promover a união de grupos. (TEIXEIRA, 2010)

Com o advento dos estudos sobre a infância o brincar tem sido abordado constantemente como um grande auxílio na aprendizagem e no desenvolvimento humano, pois se notou que a brincadeira contribui para que a criança supere importantes restrições na sua forma de agir.

Toda criança que brinca se comporta como um poeta, pelo fato de criar um mundo só seu, ou, mais exatamente, por transpor as coisas do mundo em que vive para um universo novo, em acordo com suas conveniências. (FREUD apud KISHIMOTO, 1998, p. 19)

É também por meio do brincar, que ela pode resolver conflitos, recriar sua cultura, refletir sobre regras sociais, reconhecer seu papel e a de seus pares, recriando o meio em que vive segundo suas necessidades. Ao brincar a criança recria sua realidade conforme suas necessidades, a fim de compreender e interpretar um mundo que é regido por adultos.

O BRINCAR E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

As pesquisas sobre a infância e suas especificidades têm caminhado paralelamente ao lado dos estudos sobre a importância do brincar, através dos tempos vários estudiosos tem se detido a este tema nos trazendo grandes contribuições ressaltando que a brincadeira pode e contribui para o desenvolvimento da criança.

Um desses estudiosos que se destacou no início do século XX, ao realizar estudos sobre a relação entre o brincar e o desenvolvimento infantil foi o médico e psicólogo Henry Wallon. Na concepção de Wallon, o lúdico está relacionado com o meio infantil, no qual toda atividade exercida pela criança por si mesma é lúdica, quando esta ação lhe possibilita integrar-se em um projeto de ação mais extensivo que a subordine e transforme em meio.

Para Wallon o jogo é espontâneo e expressivo, no qual a partir da imitação da realidade a criança é capaz de simbolizar suas observações. Através da brincadeira a criança usa mecanismos para expressar seus sentimentos, se identificar com determinadas pessoas levando-a a assumir papéis, na busca de saciar sua curiosidade com relação ao mundo que a cerca. Wallon observa que não são todas as pessoas ou situações que são imitadas pela criança, apenas aquelas que a criança considera importante, neste sentido o autor afirma que há uma carga efetiva na brincadeira infantil.

O jogo para a criança se opõe a atividade séria como o trabalho, o jogo é expansão e se confunde com toda atividade global da criança (WALLON apud NEGRINE, 1994, p. 29). Deste modo, Wallon ressalta que o jogo deve ter a natureza livre, como uma atividade voluntária da criança, se for imposto, deixa de ser jogo e se transforma em trabalho e ensino. Wallon classifica os jogos infantis em quatro categorias:

- Jogos funcionais
- Jogos de ficção
- Jogos de aquisição
- Jogos de fabricação

Nos jogos funcionais a criança descobre o prazer de executar algumas funções que a evolução da motricidade lhe permite, sentindo necessidade de colocá-las em ação como a exploração dos objetos, dos sons (gritar, falar), e o movimento do seu corpo de modo geral. Ou seja, os jogos funcionais estão relacionados com os movimentos de exploração do corpo através dos sentidos, inicialmente estes movimentos são simples, porém prazerosos, pois acarretam grandes descobertas para a criança. Ao perceber que determinado movimento lhe causa prazer à tendência é repeti-lo.

O faz-de-conta faz parte dos jogos de ficção e são caracterizados pela situação imaginária, no qual a criança ao brincar representa e assume papeis que estão representados no seu contexto social como brincar de casinha, mamãe e filhinha, escolinha, etc.

Durante os jogos de aquisição, segundo Wallon, o bebê se empenha para compreender, conhecer, o que o cerca, para tanto ele começa a imitar canções, gestos, sons, imagens e histórias.

Nos jogos de fabricação a criança tem a oportunidade de transformar matéria real em objetos dotados de vida fictícia. Nestes jogos a criança se envolve em atividades nas quais ela pode criar combinar, juntar e transformar os objetos.

Para Vygotsky (1999) apesar de a ação dominar o significado na vida

real, na brincadeira ocorre o inverso. Durante a brincadeira é o significado que domina a ação. Ou seja, nesta atividade, a criança pequena que se encontra limitada em algumas ações pode a partir de suas experiências decorrentes das brincadeiras pode transitar pela fantasia culturalmente impregnada conforme suas limitações, buscando compreender o meio que a cerca.

Desse modo a brincadeira exerce uma função de mediação na formação da representação desde que seu funcionamento seja capaz de possibilitar a distinção entre um significado e um objeto real. (OLIVEIRA, 1997)

No brincar a criança ao subordinar os objetos e sua própria ação ao campo do significado está transformando radicalmente sua estrutura e organização psicológica. Durante a brincadeira os objetos perdem sua força determinante sobre o comportamento do indivíduo que o manipula - a criança – que pode começar a agir independentemente daquilo que ela percebe.

Outro aspecto importante sobre o brincar que Vygotsky aponta é o brincar de faz-de-conta, no qual ocorre a interação e o desenvolvimento da imaginação durante a brincadeira. Para o autor a imitação do gesto do outro contribui para a construção de imagens mentais, esta imitação tem um valor fundamental, pois ela representa um dos principais meios pelos quais ocorre a influência da aprendizagem sobre o desenvolvimento. Ou seja, a aprendizagem também é construída onde a imitação é possível.

No desenvolvimento a imitação e o ensino desempenham um papel de primeira importância. Põe em evidência as qualidades especificamente humanas do cérebro e conduzem a criança a atingir novos níveis de desenvolvimento. A criança fará amanhã sozinha aquilo que hoje é capaz de fazer em cooperação. Por conseguinte, o único tipo correto

de pedagogia é aquele que segue em avanço relativamente ao desenvolvimento e o guia; deve ter por objetivo não as funções maduras, mas as funções em vias de maturação" (VYGOTSKY, 1979, p. 138).

Sob este aspecto o processo de aprendizagem da criança se dá no momento em que suas capacidades ainda não amadurecidas recebem o impulso de ações de outros parceiros.

3 O BRINCAR E A PERSPECTIVA DO REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Constituição Federal de 1988 reconheceu a educação ministrada a crianças de 0a 6 anos de idade como dever do Estado e direito de todo cidadão. Em 1996, no texto da LDB podemos ver em destaque que a Educação Infantil é considerada a primeira etapa da educação básica (título V, capítulo II, seção II, art. 29), no qual a sua finalidade deve consistir no desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade.

Deste modo, essa etapa da educação necessita sempre estar com um currículo voltado para o cuidar e educar. As instituições de ensino de educação infantil e os professores, acima de tudo, cuidam e educam quando trabalham na perspectiva da inclusão social garantindo a todas as crianças uma experiência bem-sucedida de aprendizagem no qual durante o processo elas sejam participantes e não meros expectadores. O Referencial Curricular Nacional deve ser entendido como um documento flexível e não obrigatório, na realidade uma proposta educacional para e educação infantil nacional, mas que deve respeitar as particularidades de cada região do país.

O Referencial é dividido em 3 volumes, no qual o primeiro volume é composto pela Introdução, o segundo compreende Formação Pessoal e Conhecimento que contém o eixo de trabalho que favorece os processos de construção da Identidade e Autonomia. E por fim, o terceiro que aborda experiências de Conhecimento de Mundo. Nos três volumes podemos encontrar propostas voltadas para os temas que envolvem: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita e Natureza, Sociedade e Matemática.

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil e a LDB, os estabelecimentos de educação infantil devem se caracterizar como ambientes que possibilitem e contribuam para que a criança amplie suas experiências que construa novas, e, possa desenvolver todas as dimensões humanas. É preciso compreender que durante a aprendizagem no contexto da educação infantil a criança busca explicações para o que ocorre a sua volta e consigo mesma, ao mesmo tempo, elas estão construindo formas de pensar e solucionar problemas, o que é feito geralmente por meio das brincadeiras e dos jogos. É necessário então, valorizar as diferentes formas de pensamento que são expostos pela criança, sua cultura, brincadeiras e ludicidade.

O RCNEI (1988) orienta que sejam oferecidas as crianças atividades por meio de jogos ou brincadeiras, atividades feitas em grupos que contribuam para que ela possa se socializar, além de exercer sua criatividade, contribuem para o desenvolvimento da linguagem, do raciocínio logico-matemático, entre outras habilidades.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil especifica os vários aspectos a serem contemplados na educação desta faixa etária, inclusive sobre o brincar. Nos quais destaca que:

> A qualidade das experiências oferecidas que podem contribuir para o exercício da cidadania, respeitando-se as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas das crianças de zero a seis anos, devem estar embasadas nos seguintes princípios: O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas, etc.; O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil; O acesso das crianças aos bens sócio culturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação, ao pensamento, à ética e à ciência. A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma; O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (BRASIL,1998, p.13)

E acrescenta que o educar envolve cuidar e brincar com atividades que possibilitem a construção de conhecimentos, habilidades, respeito e confiança:

> Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (BRASIL, 1998, p. 23)

Neste sentido, é evidente que ao introduzir o brincar no currículo escolar, este é concebido como fator que contribui para a apren-

dizagem e o desenvolvimento físico, social, cognitivo, criativo e a linguagem da criança. Ao mesmo tempo é necessário que os educadores e a escola compreendam que no brincar as crianças projetam suas ansiedades, desejos e frustrações de mundo. (FRIEDMANN, 1996).

Para Wajskop (1999, p.31) "a garantia do espaço do brincar na préescola ou creches, é a garantia de uma possibilidade de educação da criança numa perspectiva criadora, voluntária e consciente". Ou seja, na educação infantil a criança não pode ser considerada como um sujeito incapaz, no sentido de produção de conhecimento, mas ser concebida como sujeito de direitos capaz de criar e manifestar sua aprendizagem por meio de características que são inerentes a sua infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brincar como parte da infância não deve ser entendido pelo adulto como uma fase em que a criança perde tempo, no qual suas brincadeiras não possuem qualquer valor. Pelo contrário o brincar é um momento no qual a criança exterioriza suas ansiedades, e reconstrói o mundo ao seu redor com a finalidade de compreendê-lo. Nesse processo construções mentais são elaboradas, a linguagem é desenvolvida, assim como outras habilidades.

Percebemos que através da construção de brinquedos e ao brincar com material sucata a criança aprende movimentos espontâneos, expressivos e criativos. A aula por sua vez, não permanece engessada, ocorre à participação de todos. A criança tem prazer de construir com sucata pois no final pode ver pronto algo que foi elaborado por ela, ou seja, ela consegue perceber que tem capacidade para criar e isso além de valorizar sua autoestima, contribui para aprendizagens posteriores além daquelas que já foram construídas e assimiladas neste período.

Contudo, para que se cumpra o papel pedagógico proposto à atividade

com jogos e brincadeiras deve ter intencionalidade, ao mesmo tempo, não deve ser vista apenas como atividade dirigida, aí não seria brincar. O brincar é livre espontâneo e a criança neste contexto não está interessada nos resultados e sim em satisfazer suas necessidades, que lhe tragam prazer. O jogo não pode se tornar isca para a aprendizagem seu caráter lúdico necessita ser mantido.

O educador precisa observar, e como mediador intervir nos momentos propícios, se o professor notar em algum momento que deve propor ou indicar o uso de um determinado material, precisa fazê-lo de modo mais natural possível, sem que essa intervenção pareça algo imposto, principalmente se for deixar a brincadeira mais interessante.

O brincar como parte da infância não deve ser entendido pelo adulto como uma fase em que a criança perde tempo, no qual suas brincadeiras não possuem qualquer valor. Pelo contrário o brincar como enfatiza Vygotsky (1996) é um momento no qual a criança exterioriza suas ansiedades, e reconstrói o mundo ao seu redor com a finalidade de compreendê-lo. Nesse processo construções mentais são elaboradas, a linguagem é desenvolvida, assim como outras habilidades.

Percebemos que através da construção de brinquedos e ao brincar com material sucata a criança aprende movimentos espontâneos, expressivos e criativos. A aula por sua vez, não permanece engessada, ocorre à participação de todos. A criança tem prazer de construir com sucata pois no final pode ver pronto algo que foi elaborado por ela, ou seja, ela consegue perceber que tem capacidade para criar e isso além de valorizar sua autoestima, contribui para aprendizagens posteriores além daquelas que já foram construídas e assimiladas neste período.

Contudo, para que se cumpra o papel pedagógico proposto à atividade com jogos e brincadeiras deve ter intencionalidade, ao mesmo tempo, não deve ser vista apenas como atividade dirigida, aí não seria brincar. O brincar é livre espontâneo e a criança neste contexto não está interessada nos resultados e sim em satisfazer suas necessidades, que lhe tragam prazer. O jogo não pode se tornar isca para a aprendizagem seu caráter lúdico necessita ser mantido.

O Educador precisa observar, e como mediador intervir nos momentos propícios, se o professor notar em algum momento que deve propor ou indicar o uso de um determinado material, precisa fazê-lo de modo mais natural possível, sem que essa intervenção pareça algo imposto, principalmente se for deixar a brincadeira mais interessante.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de; Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

BRASIL, Referencial curricular nacional para a educação infantil /

Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol.1.

FRIEDMANN, Adriana. Brincar: crescer e aprender; resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna,1996. 128p.

KISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedo e a educação. São Paulo: Cortez, 1996.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de (org.). A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil. São Paulo: Cortez ,1994.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2010.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. Lisboa: Edições Antídoto, 1979

WALLON, Henri. A evolução Psicológica da Criança. São Paulo: Martins Fontes, 1984.